

SOBRE A SEDUÇÃO

Benedito Eliseu Leite Cintra¹

RESUMO: O estudo procura mostrar como a mítica “serpente”, presente nos exórdios bíblicos da humanidade, por exegese e hermenêutica aponta a ambígua *liberdade* humana, *inteligência* e *vontade*, para sempre em “perigo”. Tal como toda linguagem simbólica, trata-se de *proverbial* fundamento (*arché*, “princípio”) originário do ser humano.

Palavras-chave: Bíblia – Sedução – Liberdade.

RÉSUMÉ: L'étude essaye montrer comme la mythique “serpent”, présente dans l'exordes bibliques de l'humanité, par exégèse et hermeneutique regarde l'ambiguë *liberté* humaine, *intelligence* et *volonté*, toujours en péril. Comme toute langage symbolique, il s'agit de *proverbial* fondement (*arché*, “principe”) originel de l'être humaine.

Paroles-Chef: Bible – Seduction – Liberté.

A sedução é o principal artifício da *corrupção*: por um bom *dinheiro* ou por uma boa proposta *erótica*, quem sabe até entrego minha “alma” ao diabo para outra oportunidade de existência de novo mais rica e *faustosa* (Göthe, *Fausto*). A visão semita é de única vida humana: “Sim, és pó, ao pó retornarás” (Gn 3,19), o que justamente é posto como consequência da sedução aceita da “serpente” como segue. Na visão helênica há o caso, a oportunidade de outra vida, por reencarnação (*metempsicose*). Na visão semita, o caso apenas considera a oportunidade de redenção.

¹ Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (SP). Professor aposentado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAFCOM).

GN 2,7-9.16-17.3,1-7

CHOURAQUI, ANDRÉ. *NO PRINCÍPIO (GÊNESIS)*. TRADUÇÃO: CARLITO AZEVEDO. RIO DE JANEIRO: IMAGO, 1995.

2,7-9.16-17

7. Elohîms forma o terroso - Adâm, pó do terreno – Adama. Ele insufla em suas narinas um hálito de vida: e é o terroso, um ser vivente ².

O SENHOR Deus modelou o homem com o pó apanhado da terra. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser vivo ³.

8. Elohîms planta um jardim em Éden, na direção do levante. Põe ali o terroso que havia formado

O SENHOR Deus plantou um jardim Éden, a oriente, e nele colocou o homem que havia formado.

9. Elohîms faz germinar do terreno toda árvore cobiçável para a vista e boa de comer, a árvore da vida, no meio do jardim, e a árvore da penetração do bem e do mal ⁴.

O SENHOR Deus fez germinar do solo toda árvore de aspecto atraente e bom para comer, a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do que seja bom ou mau.

2 Adâm: o texto o aproxima do termo adama, “gleba, terreno”. Pode-se pensar também no adjetivo adôm, “vermelho”. No Oriente, as argilas mais férteis e mais plásticas são vermelhas. Homens e húmus ou terreno e terroso mantêm a mesma relação linguística que Adâm e adama.

3 BÍBLIA Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo. Loyola, 1994. Cito sempre esta edição para comparação

4 **A árvore da penetração**, *iada*¹: este verbo tem sempre um sentido concreto, experimental. No centro do relato, como no centro do ‘Éden, encontra-se a árvore da penetração, que dá àqueles que a comem o poder de penetrar o bem e o mal.

16. Assim Elohim ordena o terroso: “De toda árvore do jardim comerás, comerás,
O SENHOR Deus prescreveu ao homem: “Poderás comer de toda árvore do jardim,
17. mas da árvore da penetração do bem e do mal, não comerás, sim, no dia em que dela comeres, morrerás, morrerás.”
mas não comerás da árvore do conhecimento do que seja bom ou mau, pois desde o dia que dela comeres, tua morte estará marcada”.

3,1-7

1. A serpente estava nua ⁵, mais que qualquer vivente do campo criado por IHVH Elohim. Ele diz à sua mulher: “Assim ⁶ Elohim disse: ‘Não comereis de toda árvore do jardim?’...”
Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o SENHOR Deus havia feito. Ela disse à mulher: “Deus vos disse realmente: ‘Não comereis de todas as árvores do jardim?’”
2. A mulher diz à serpente: “Nós comeremos os frutos das árvores do jardim, A mulher respondeu à serpente: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim”.
3. mas do fruto da árvore no meio do jardim, Elohim disse: ‘Não o comereis, não o tocareis ⁷, para não serdes mortos’.”

5 **Nu** ‘aroum: pode ser relacionada aos homens nus, ‘aroumíns, de 2,25. Pode-se distinguir duas raízes formando adjetivos muito próximos no singular e homônimos no plural: ‘aram, “ser astuto”, (plural: ‘aroumíns); ‘ara, “ser nu”, de onde ‘aroum, “nu”, (plural: ‘aroumíns). Os autores antigos jogavam frequentemente com as aproximações verbais deste gênero quando elas podiam ser úteis interferências de sentido. Pode-se compreender que o homem e a mulher estavam “despidos” de reserva e de desconfiança, enquanto a serpente é “despida” de escrúpulos. De sorte que o homem e o animal possuem em comum essa “nudez” invertida: a nudez da simplicidade que faz a mulher responder à serpente sem espantar-se com o fato de uma serpente falar-lhe, e a nudez da perfídia.

6 **assim**, *aph ki*: ainda que interrogativo, introduz, de fato, uma afirmação falsa que, pelo poder do imaginário, vai induzir a mulher ao erro e levá-la a revoltar-se.

7 **não o tocareis**: presa nas malhas do imaginário e da exageração, a mulher acrescenta por conta própria ao interdito: IHVH jamais pediu que não se tocasse na árvore, mas simplesmente que se comesse o seu fruto. 2,17 [... mas da árvore da penetração do bem e do mal, não comerás, sim, no dia em que dela comeres, morrerás, morrerás].

Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dela não comereis e nela não tocareis, para não morreredes”.

4. A serpente diz à mulher: “Não, não morrereis, não morrereis”⁸,
A serpente disse à mulher: “Não, vossa morte não está marcada”⁹.
5. Pois Elohîms sabe que no dia em que dele comerdes vossos olhos se arregalarão e sereis como Elohîms¹⁰, penetrando o bem e o mal”.
É que Deus sabe que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, possuindo o conhecimento do que seja bom ou mau”.
6. A mulher vê que a árvore é boa de comer, *sim*, apetitosa aos olhos, cobiçável, a árvore, para tornar perspicaz. Ela toma de seu fruto e come. E dá também a seu homem a seu lado e ele come.
A mulher viu que a árvore era boa de comer, sedutora de se olhar, preciosa para agir com clarividência.
7. Os olhos dos dois se arregalam, eles percebem que estão nus. Eles costuram folhas de figueira e fazem cintos para si¹¹.

8 À mentira da mulher responde a mentira da serpente: *Não, não morrerei, não morrereis*; esta fórmula enfática, obtida pelo infinitivo absoluto seguido do verbo, corresponde ao *comerás, comerás* de 2,16 [Assim IHVH Elohîms ordena ao terroso: “De toda árvore comerás, comerás...”], e ao *morrerás, morrerás* de 2,17 [... mas da árvore da penetração do bem e do mal, não comerás, *sim*, no dia em que dela comeres, morrerás, morrerás]. Aqui, a serpente nega explicitamente a validade da palavra de IHVH: tomando a palavra da mulher ao pé da letra, ela a impele, segundo Rashi, contra a árvore, a fim de lhe provar que ela não morreria se tocasse.

9 Com astúcia, a serpente faz da morte inevitável (2,17) uma morte imediata (3,4). Distorcendo a declaração de Deus, ela transforma uma advertência salutar em uma mentira.

10 **como Elohîms**: a serpente toca aqui na mais secreta ambição do homem: “réplica” de IHVH, ele deseja ser *como Elohîms*, tomar o seu lugar pela penetração, a ele oferecida, do bem e do mal.

O conhecimento da dialética do bem e do mal representa aqui, dizem os rabis, não um progresso, mas uma regressão em relação à intuição global do real no estado de inocência que precede o pecado. Segundo Rashi, ser *como Elohîms* queria dizer, para a serpente, que também eles poderiam ser criadores de mundos: eterna fascinação e tentação da ciência total, assegurando o domínio dos segredos da criação, da vida e da morte.

Poder-se-ia tomar Elohîms em seu sentido amplo de “divindade”, por oposição ao Elohîms vivente IHVH. A serpente desvela assim seu jogo: levar o homem a ser uma nova e falsa divindade entre outras, e não semelhante ao Elohîms da vida e da verdade.

11 **folhas de figueira**: segundo Rashi e o Midrash, trata-se aqui da própria árvore da penetração, através dela cometeram o pecado, através dela encontram remédio para sua situação. Outras

Os olhos de ambos se abriram e souberam que estavam nus. Tendo costurado folhas de figueira, fizeram tangas para si.

COMENTÁRIOS

A tradução que André Chouraqui fez de toda a Bíblia diverge em muito das traduções comumente encontradas. Exímio conhecedor das línguas semitas sem exceção procurou chegar, por comparação e aproximação, às significações corretas do texto original. As notas que apõe são de caráter especialmente exegético. Alguma hermenêutica que faz se afasta de teologias construídas pelo longo tempo da cultura propriamente cristã. Sem desconsiderá-la, mostra que ela se valeu sem consulta adequada às fontes originais.

Gregos e latinos não se deram conta daquilo que Enrique Dussel afirma. Publicou dois estudos muito originais: *El humanismo helénico* e *El humanismo semita*. Diz das duas culturas que são “tradições totalmente distintas como o dia e a noite”.

O pretendido aqui é considerar brevemente o texto de André Chouraqui, particularmente suas notas.

Nota 1. Pode-se compreender que o homem e a mulher estavam “despidos” de reserva e de desconfiança, enquanto a serpente é “despida” de escrúpulos. De sorte que o homem e o animal possuem em comum essa “nudez” invertida: a nudez da simplicidade que faz a mulher responder à serpente sem espantar-se com o fato de uma serpente falar-lhe, e a nudez da perfídia.

Oposição quanto a “nudez da simplicidade” e “nudez da perfídia”, isso estar a *liberdade* posta entre *inteligência* (bem e mal) e *vontade* (escolha). Tendo em conta que se trata de um texto mítico, portanto simbólico em seu sentido, a pergunta é sobre o que a “serpente” simboliza. O entendimento recebido em certa tradição diz respeito ao demônio ou diabo, o anjo mau condenado por Deus ao Inferno. Contudo, se nos afastarmos de uma significação realista – estamos cuidando de um mito bíblico – devemos dar-lhe outro sentido.

teorias, todavia, são apresentadas no Talmude, segundo as quais a árvore da penetração era trigo, vinha ou cidreira.

Encontramos em Virgílio, poeta latino, *latet anguis in herba* (*Eclogae*, 3,93), “há uma cobra escondida na grama”, para indicar uma figura constante na caminhada humana em sua vida. Por certo esse poeta não conhecia a cultura semita para dizer de certo veneno instilado no ser humano.

Ora, levando-se em conta que o pensamento não joga seu papel separado das opções do coração e dos sentimentos. O contrário da verdade não é só o erro, é também a mentira ¹²,

entenda-se por aí que o homem pense com o “coração”, que este seja o lugar da “sabedoria”, não primordialmente especulativa, mas ética. Lapidar é a proclamação do bíblico profeta Jesus de Nazaré, a qual expressa a estrutura antropológico-ética que lhe é tradicional: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). A mesma “compreensão antropológico-ética” neste ensinamento: “O que sai da boca procede do coração e é o que torna o homem impuro” (Mt 15,18). O salmista pede a Iahweh: “Cria (*bara*) para mim um coração novo, ó Deus” (Sl 51, 12).

Se Platão diz do “diálogo da alma consigo mesma” (Menon), é por causa da *liberdade* que possibilita ao ser humano *simplicidade* e *perfídia*. Escreve Paul Ricoeur sobre o “mito adâmico”:

O mito etiológico ¹³ de Adão é a mais extrema tentativa para desdobrar a origem do mal e do bem; a intenção desse mito é de dar consistência a uma origem radical distinta da origem originária do ser-bom das coisas... o homem é começo do mal no seio de uma criação que já teve seu começo absoluto no ato criador de Deus... a liberdade não será apenas um tipo de começo, mas o poder de defecção da criatura, quer dizer, em sentido próprio, o poder para uma criatura de desfazer e se desfazer a partir de seu ser feito e perfeito ¹⁴.

Fica longe da “ontologia” do Bem [Deus] e do Mal [Diabo], pois “o pecado se aninha no fundo do coração” (Sl 36,2), devendo o homem reconhecer que “fez o mal ante os olhos de Iahweh” (Sl 51,6).

Nota 2. *assim*, *apb kî*: ainda que interrogativo, introduz, de fato, uma afirmação falsa que, pelo poder do imaginário, vai induzir a mulher ao erro e levá-la a revoltar-se.

12 TRESMONTANT, Claude. *Essai sur la pensée hébraïque*. Paris, Cerf, 1953, p. 119 (p. 41).

13 **Etiologia**: Estudo sobre a origem das coisas (AURÉLIO).

14 RICOEUR, Paul, *La symbolique du mal*, p. 218-219.

De criança aprendi que “a imaginação é a louca de casa [nossa mente]”. Sobretudo nas noites de insônia vira e revira nossa mente. Nem se diga dos pesadelos (Freud explica)! A consideração de Chouraqui é psicologicamente muito aguda: revoltamo-nos – quem sabe de modo impotente – contra os erros que “a louca de casa” a nos escarnecer. O demônio-diabo (“serpente”), em certa interpretação tradicional, foi também denominado “adversário” da criatura humana. Inveja? Invejamos o que não somos: “o pecado se aninha no fundo do coração” (Sl 36,2)!

Nota 3. não o tocareis: presa nas malhas do imaginário e da exageração, a mulher acrescenta por conta própria ao interdito: IHVH jamais pediu que não se tocasse na árvore, mas simplesmente que se comesse o seu fruto. 2,17 [... mas da árvore da penetração do bem e do mal, não comerás, sim, no dia em que dela comeres, morrerás, morrerás].

A mulher por ingenuidade – “presa nas malhas do imaginário e da exageração” – prossegue conversando com a provocadora e astuta serpente sedutora, “sem espantar-se com o fato de uma serpente falar-lhe: a nudez da perfídia” [Nota 1].

A mulher a si mesma se seduz! Como se diz: entre primeiras e segundas intenções, as segundas são as primeiras! É a racionalização estudada pela psicanálise:

Processo de caráter defensivo pelo qual um indivíduo apresenta uma explicação coerente ou moralmente aceitável para atos, ideias ou sentimentos cujos motivos verdadeiros não percebe [HOUAISS].

Sempre encontramos um motivo para transgredir. Tal como para os helênicos dizemos de passagem do *mito* à *razão*, o mesmo deve ser levado em conta para os semitas da Bíblia. Quem a conhece sabe que todo o seu texto tem ampla construção histórica durante a qual as primeiras palavras são continuamente deslindadas. Do profeta Jesus de Nazaré deve-se dizer que foi exímio e impiedoso desmistificador. O rei Davi reconheceu: “fiz o mal a teus olhos”.

Nota 4. À mentira da mulher responde a mentira da serpente: *Não, não morreréis, não morreréis*; esta fórmula enfática, obtida pelo infinitivo absoluto seguido do verbo, corresponde ao *comerás, comerás* de 2,16 [Assim IHVH Elohim

ordena ao terroso: “De toda árvore comerás, comerás...”], e ao morrerás, morrerás de 2,17 [... mas da árvore da penetração do bem e do mal, não comerás, sim, no dia em que dela comeres, morrerás, morrerás]. Aqui, a serpente nega explicitamente a validade da palavra de IHVH: tomando a palavra da mulher ao pé da letra, ela a impele, segundo Rashi, contra a árvore, a fim de lhe provar que ela não morreria se tocasse.

É preciso reconhecer que desde nascidos ficamos inseridos em “drama [diabólico] humano”. Nossa pendência existencial está entre *simbólico* e *diabólico*. O *símbolo* é mentira da mulher – mentira da serpente. O diabólico é mentira da mulher – mentira da mulher. Kant radicalizou a mentira, sem exceção. Freud mostrou que, por “inconsciente”, sempre mentimos para estabelecimento de nosso EGO. Ele está sempre, submisso, disfarçando a repressão cultural.

A repressão cultural sempre, por fim, foi atribuída a Deus ou à Religião. Mesmo os ateus se reprimem – até mesmo quando se proclamam ateus¹⁵. A questão é outra. A palavra de Levinas é sábia:

Pode-se chamar de ateísmo tal separação tão completa que o ser separado mantém-se totalmente sozinho na existência sem participar no Ser do qual está separado - eventualmente capaz de a ele aderir na crença. A ruptura com a participação está implicada nessa capacidade. Vive-se fora de Deus, junto a si, é-se eu, egoísmo. A alma - a dimensão do psíquico - cumprimento da separação, é naturalmente atéia. Assim, por ateísmo entende-se uma posição anterior à afirmação e à negação do divino, ruptura da participação desde a qual o eu se põe como o mesmo e como eu, completando com força ainda maior o sentido de sua expressão:

Certamente é uma grande glória para o criador ter posto de pé um ser capaz de ateísmo, um ser que, sem ter sido *causa sui*, tem olhar e palavra independentes e é junto a si¹⁶.

Nota 5. como Elohim: a serpente toca aqui na mais secreta ambição do homem: “réplica” de IHVH, ele deseja ser *como Elohim*, tomar o seu lugar pela penetração, a ele oferecida, do bem e do mal.

15 O ateísmo está sempre na defensiva, ou ofensiva, na mídia.

16 LEVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*, p. 29-30.

O conhecimento da dialética do bem e do mal representa aqui, dizem os rabis, não um progresso, mas uma regressão em relação à intuição global do real no estado de inocência que precede o pecado. Segundo Rashi, ser *como Elohíms* queria dizer, para a serpente, que também eles poderiam ser criadores de mundos: eterna fascinação e tentação da ciência total, assegurando o domínio dos segredos da criação, da vida e da morte.

Poder-se-ia tomar Elohíms em seu sentido amplo de “divindade”, por oposição ao Elohíms vivente IHVH. A serpente desvela assim seu jogo: levar o homem a ser uma nova e falsa divindade entre outras, e não semelhante ao Elohíms da vida e da verdade.

A passagem da Idade Média para a Idade Moderna pode ser caracterizada como passagem do *teísmo* para o *ateísmo*. Não foi apenas a revolta de Lutero contra Roma. A coisa é muito mais antiga. Embora Aristóteles tenha dito de YeÅw – e Platão de “Bem além do Ser” – vivemos hoje primitivo arrebatamento de ateísmo epistêmico:

A origem da filosofia entre os surge da intenção de não querer saber o que “acontecerá”, mas de querer saber como as coisas se comportam por si mesmas e, portanto, como continuarão a comportar-se. Falar de filosofia entre os gregos é também falar de *ciência*. É falar de um trânsito da *aparência* para a *essência*, da *mudança* evidente das coisas ligada a seu *estado* permanente - tal como hoje a mudança se mostra nas regras ou leis de “sucessão ou similitude” dos fatos (Comte) e se parte destas leis para as teorias gerais sobre o universo -. É por isso que se diz que a filosofia, ou a ciência, têm por base o “ateísmo”, pois não se quer saber de explicações divinas dos fatos ¹⁷.

Hoje é comum atribuir às ciências humanas investigação sobre a moralidade vigente nos diversos grupos humanos. Mesmo certa reflexão crítica a respeito pode ser comandada por elas, o caso típico da Psicanálise. “Além do Bem e do Mal” (Nietzsche), que se atribui à vontade de poder, corresponderia ao que lemos:

Como Elohíms: a serpente toca aqui na mais secreta ambição do homem: “réplica” de IHVH, ele deseja ser *como Elohíms*, tomar o seu lugar pela penetração, a ele oferecida, do bem e do mal.

O diálogo do texto bíblico refere-se à “dialética do bem e do mal”, da qual a serpente indica libertação:

17 MARIAS, Julian. *Biografia da Filosofia e Ideia da Metafísica*. São Paulo: Duas Cidades, 1966.

Segundo Rashi, ser *como Elohíms* queria dizer, para a serpente, que também eles poderiam ser criadores de mundos: eterna fascinação e tentação da ciência total, assegurando o domínio dos segredos da criação, da vida e da morte.

Chouraqui continua:

Poder-se-ia tomar Elohíms em seu sentido amplo de “divindade”, por oposição ao Elohíms vivente IHVH. A serpente **desvela assim seu jogo: levar o homem a ser uma nova e falsa divindade entre outras, e não semelhante ao Elohíms da vida e da verdade.**

Astúcia da serpente jogando com a simplicidade da mulher. O versículo 5:

Pois Elohíms sabe que no dia em que dele comerdes vossos olhos se arregalarão e sereis como Elohíms, penetrando o bem e o mal.

Seduzida por esta mentira a mulher se ilude. O versículo 6:

A mulher vê que a árvore é boa de comer, *sim*, apetitosa aos olhos, cobiçável, a árvore, para tornar perspicaz. Ela toma de seu fruto e come. E dá também a seu homem a seu lado e ele come.

Seduzida vira sedutora: “E dá também a seu homem a seu lado e ele come”. O jogo ou aposta da sedução no inter-humano passa para o futuro. A serpente corrompeu e os seres humanos reciprocamente se corrompem por mútua astúcia. O que lembra “a astúcia da razão” (Hegel).

Nota 6. folhas de figueira: segundo Rashi e o Midrash, trata-se aqui da própria árvore da penetração, através dela cometeram o pecado, através dela encontram remédio para sua situação. Outras teorias, todavia, são apresentadas no Talmude, segundo as quais a árvore da penetração era trigo, vinha ou cidreira.

O versículo 6:

Os olhos dos dois se arregalam, eles percebem que estão nus. Eles costumam folhas de figueira e fazem cintos para si

O comentário: “segundo Rashi e o Midrash, trata-se aqui da própria árvore da penetração” deve ser entendido da *penetração* [conhecimento] *racional* “do Bem e do Mal”, tal como no versículo 5: “penetrando o bem e o mal”.

ARREMATANDO

O que por de mim mesmo redigi fica submetido a juízo crítico *filosófico*, sem excluir o que se queira propor como juízo crítico *teológico*.

Abrigamos *serpente* em nosso íntimo, embora Agostinho de Hipona tenha escrito de *Deus intimior mei*, “Deus mais íntimo de mim”? É possível lembrar de Suassuna “Deus e o Diabo na terra do sol”, ou de Sartre “O Diabo e o Bom Deus”? Quem sabe sejamos simplórios como Eva e Adão nas questões da Moral e da Ética.

Ouvi dizer dos mineiros em Minas Gerais (MG): “Confiar desconfiando”. Quem sabe seja os que têm melhor vocação filosófica! A Universidade Católica de Minas Gerais (UCMG)¹⁸, segundo uma última apreciação da CAPES, foi escolhida como tendo o melhor curso de Filosofia. Isso é curiosidade!

Não vamos nos comparar com ela. Contudo, minha pretensão foi de pesquisador sério.

18 Mantida pelos Jesuítas. Nem tudo é turvo na seara dos católicos!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo. Loyola, 1994.

CHOURAQUI, André. *No princípio* (Gênesis). Tradução: Carlito Azevedo. Rio de Janeiro. Imago, 1995.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini: essai sur l'extériorité*. 4^e édition. Dordrecht/Boston/London. Kluwer Academic Publishers, 1988.

MARIÁS, Julian. *Biografia da Filosofia e Ideia da Metafísica*. São Paulo: Duas Cidades, 1966

RICOEUR, Paul. *Finitude et culpabilité*. II La symbolique du mal. Paris. Aubier, 1960.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

TRESMONTANT, Claude. *Essai sur la pensée hébraïque*. Paris. Cerf, 1953.